



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

JESSIKA EMANUELA BATISTA VIANA

**CONTEXTO LABORAL: PERFIL E RISCOS À SAÚDE DE DOCENTES
UNIVERSITÁRIOS**

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V614a Viana, Jessika Emanuela Batista.

Contexto laboral [manuscrito] : perfil e riscos à saúde de docentes universitários / Jessika Emanuela Batista Viana. - 2016. 25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Clésia Oliveira Pachú, Departamento de Enfermagem".

1. Docentes. 2. Saúde do trabalhador. 3. Risco de adoecimento. 4. Contexto de trabalho. I. Título.

21. ed. CDD 363.11

JESSIKA EMANUELA BATISTA VIANA

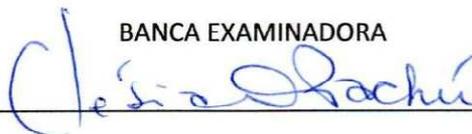
**CONTEXTO LABORAL: PERFIL E RISCOS À SAÚDE DE DOCENTES
UNIVERSITÁRIOS**

Artigo ao Programa de Graduação em
Enfermagem da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito à obtenção do título de
bacharel em Enfermagem .

Orientadora: Dr^a Clésia de Oliveira Pachú

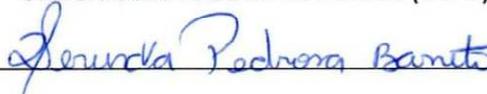
Aprovada em: 25/09 2016.

BANCA EXAMINADORA



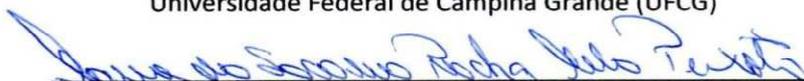
Prof. Dr^a Clésia Oliveira Pachú

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Veruscka Pedrosa Barreto

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Prof. Dr^a Maria do Socorro Melo Peixoto

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu avô, Francisco Batista de Oliveira (In memoriam),
pelo amor paternal e pela mais fina herança que me deixou:
o amor ao conhecimento.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me inspira sonhos e os torna possíveis.

A Santíssima Virgem Maria, que me socorre nos momentos de maior necessidade.

À minha mãe e minha avó que me acompanharam durante toda esta trajetória e me ajudaram em tudo quanto foi necessário para que eu pudesse completar esta etapa em minha vida.

A professora Clésia Oliveira Pachú, por ter aberto grandes possibilidades em minha vida acadêmica.

E a todos os meus familiares e amigos que fizeram parte desta história e sabem o profundo valor que têm em minha vida.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 Revisão de literatura.....	9
2.1 Saúde Do Trabalhador.....	9
2.2 Docentes Universitários.....	11
3 METODOLOGIA.....	12
3.1 Tipo de Pesquisa.....	12
3.2 Amostra e Local da Pesquisa.....	12
3.3 Instrumentos Para Coleta de Dados.....	12
3.4 Procedimento para Coleta de Dados.....	14
3.5 Análise dos Dados.....	14
3.6 Considerações Éticas.....	14
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	14
4.1 Perfil Sócio Educacional.....	14
4.2 Inventário De Trabalho e Risco de Adoecimento.....	16
4.2.1 Escala de Avaliação do Contexto de Trabalho (EACT).....	16
4.2.2 Escala de Custo Humano do Trabalho (ECHT).....	19
5 CONCLUSÃO.....	22
6 REFERÊNCIAS.....	25
ABSTRACT	
ANEXOS	

CONTEXTO LABORAL: PERFIL E RISCOS À SAÚDE DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS

Jessika Emanuela Batista Viana*

RESUMO

O ambiente de trabalho possui um duplo papel, por um lado proporciona a valorização e o desenvolvimento das pessoas, por outro lado pode gerar adoecimento, encurtar a vida e levar a morte. Entre os docentes, os agravos à saúde se situam na direção contrária dos valores e condutas esperadas para educação. Impedindo que os professores ponham em prática as habilidades necessárias para o desenvolvimento dos alunos em seu sentido mais amplo. O estudo foi realizado com objetivo de avaliar a saúde destes profissionais com base nas relações entre o contexto de trabalho e os riscos à saúde. Foram utilizados dois questionários: a Ficha Sociodemográfica, e o Inventário sobre Trabalho e Riscos de Adoecimento – ITRA. A pesquisa foi desenvolvida com professores efetivos de uma Universidade Pública situada no município de Campina Grande, PB. Observou-se que 54,9% do sexo masculino, 39% com idade entre 46 a 50 anos, 52,4% doutorado completo, 58,5% afirmaram ser casados e 65,9% afirmaram praticar atividade física. Os resultados indicaram que quanto ao contexto de trabalho, os docentes se encontram em um estado de crítico por apresentar escores entre 2,30 e 2,69. A escala de custo humano do trabalho também indicou uma situação crítica, uma vez que a maioria dos escores obtidos apresentou uma média entre 2,30 e 3,69, com exceção do custo cognitivo em que se verificou uma situação grave (3,84). Os resultados críticos e graves das escalas evidenciam que os docentes estão submetidos a riscos à saúde.

Palavras-chave: Docentes. Saúde do Trabalhador. Risco de adoecimento. Contexto de trabalho.

*Discente de enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba.

Email: Viana.jessika@outlook.com

1 INTRODUÇÃO

O trabalho é considerado elemento central, por meio do qual o indivíduo desenvolve habilidades, constrói sua identidade e promove sua integração social (LEÃO, 2013). Apesar de demandar esforço, exigências físicas e mentais, o trabalho pode significar enriquecimento, motivação e ser uma fonte de prazer. O conceito de trabalho depende de circunstâncias sociais específicas sob as quais são empreendidas e interpretadas por aqueles que estão envolvidos (GRINT, 1988). O julgamento do trabalho é relativo, dependendo exclusivamente do sentimento causado no sujeito que desenvolve a tarefa (FERNANDES, 2015).

A Revolução Industrial favoreceu o desenvolvimento de novas indústrias, com novos produtos e mudanças nas condições de trabalho. Neste contexto, o profissional se insere como operador dessas tecnologias, e é submetido a exigências físicas, atividades pré-determinadas, com movimentos restritos, repetitivos e danosos à saúde (BARBOSA, *et al*, 2014). No âmbito deste cenário surge a Saúde ocupacional, com características e organização de equipes multi e interdisciplinar, com ênfase na higiene e na estratégia de intervir nos locais de trabalho, com o propósito de controlar riscos ambientais (SOUZA, 2014).

No Brasil, a saúde do Trabalhador é identificada nos anos 80, destacando-se como nova forma de pensar acerca do processo saúde-doença e sua relação com o trabalho. Surge nesta época novas práticas sindicais seguidas das Comissões Internas de Prevenção de Acidentes (CIPAs) (FREIRE, 2014). Em 1988, uma série de discussões conduziu a inclusão da temática na Constituição Federal. A partir disso, a denominação Saúde do Trabalhador foi incorporada na nova Lei Orgânica da Saúde, que estabelece sua conceituação e competências no Sistema Único de Saúde (SOUZA, 2014).

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) define doenças laborais como aquelas contraídas por meio da exposição a algum fator de risco relacionado ao trabalho. As mais comuns são pneumoconiose; distúrbios musculoesqueléticos e mentais (OIT, 2013). Na atualidade, visualiza-se intensa e crescente preocupação com agravos à saúde dos trabalhadores, sejam agravos causados pelo custo humano requerido no ambiente de trabalho ou pelos danos físicos causados por esse ambiente.

Entre trabalhadores da docência existem exigências específicas que favorecem o desenvolvimento de psicopatologias como, necessidade de atualização constante, cumprimento de prazos, pressão para acompanhar o avanço do conhecimento, necessidade de se desdobrar em leituras para preparação de aulas, correção de trabalhos, participação em comissões, pressão para publicação de pesquisa (SANCHES E SANTOS, 2013).

A despreocupação com um ambiente de trabalho propício para o bem-estar, produtividade, desenvolvimento das habilidades e valores necessários ao docente, reflete-se em doenças ocupacionais, mentais, físicas e em déficit na educação, além de repercutir financeiramente. Sabe-se que doenças ocupacionais resultam em custos muito elevados em termos de saúde e bem-estar para indivíduos e, também, é responsável por custos financeiros, redução da capacidade de trabalho e aumento de taxas de absenteísmo (BALASSIANO, 2011).

A presente pesquisa objetivou avaliar a saúde de docentes de uma instituição pública de ensino superior situada na cidade de Campina Grande, Paraíba. Foram observadas as relações entre contexto de trabalho e riscos à saúde.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Saúde do Trabalhador

Nas décadas de 30 e 40 do século passado, houve o crescimento da tecnologia industrial, mudanças de processos de trabalho, fazendo com que, crescessem consideravelmente agravos à saúde e mortes no trabalho. Dessa forma, a Medicina do Trabalho se tornou insuficiente para manter o indivíduo saudável e capaz de reproduzir a força de trabalho exigida (KARINO; MARTINS; BOBROFF, 2011). Neste contexto, surge a Saúde Ocupacional, com características e organização de equipes multi e interdisciplinar, com ênfase na higiene e na intervenção nos locais de trabalho para redução de acidentes (SOUZA, 2014)

A Saúde do Trabalhador no Brasil é identificada a partir dos anos 80, destacando-se como nova forma de pensar sobre o processo saúde-doença e sua relação com o trabalho (SOUZA, 2014). Seus antecedentes históricos estão relacionados à luta dos trabalhadores pelo

direito à saúde, no contexto da Reforma Sanitária Brasileira com influências do Movimento Operário Italiano (LEÃO E CASTRO, 2013). Em 1988, ocorreu a inclusão da temática na Constituição Federal e a denominação Saúde do Trabalhador foi incorporada na nova Lei Orgânica da Saúde (SOUZA, 2014).

A saúde do trabalhador é um campo de atuação do SUS que pode ser entendida como parte do escopo das ações da vigilância sanitária e epidemiológica, possuindo enorme relação com o cenário e condições onde o trabalho é exercido (SANTOS JÚNIOR *et al*, 2015). Sabe-se que trabalhadores adoecem e morrem por causas relacionadas ao trabalho, como consequência direta das atividades profissionais que exercem ou exerceram, ou pelas condições adversas em que seu trabalho é ou foi realizado (CAVALCANTE *et al*, 2014).

Em 2013, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) estimou que 160 milhões de trabalhadores são atingidos, anualmente, por doenças ocupacionais no mundo. Sendo 2 milhões o número de pessoas que morrem de doenças e/ou acidentes ocorridos no ambiente de trabalho. A OIT também estimou que acidentes de trabalho e doenças profissionais resultam em perda anual de 4% no produto interno bruto (PIB) mundial, cerca de 2,8 bilhões de dólares, em custos diretos e indiretos relacionados a lesões e doenças (OIT, 2013).

O Brasil é classificado em 4º lugar quanto ao risco de morte no trabalho, ainda assim percebe-se a ausência de informações precisas acerca dos agravos relacionados ao trabalho que constituem graves problemas de Saúde Pública (OIT, 2013). A escassez e inconsistência das informações sobre a real situação de saúde dos trabalhadores dificultam a definição de prioridades para Políticas Públicas, planejamento e implementação das ações em Saúde do Trabalhador, além de privar a sociedade de subsídios importantes para melhoria das condições de vida e trabalho (CAVALCANTE *et al*, 2014).

Na atualidade, alguns dispositivos assumem notoriedade e relevância, em especial, após a criação da Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (RENAST), refletida nos Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) (LEÃO E CASTRO, 2013). Os CERESTs visam à organização da atenção a saúde do trabalhador no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), atuando em nível secundário de atenção à saúde, agregando maior tecnologia a vigilância prestada aos trabalhadores e articulando ações de

assistência e prevenção nos locais de trabalho e em ambientes hospitalares (ACQUES, MILANEZ, OLIVEIRA, 2012).

2.2 Docentes Universitários

A docência é uma das profissões mais antigas e menos valorizadas, problemas decorrentes dela a acompanham desde os primórdios (KOETZ, REMPEL, PÉRICO, 2013). A investigação do trabalho do professor, em qualquer lugar do mundo, pode ser chave para transformação das desigualdades e crescimento do país (OLIVEIRA *et al*, 2013). A capacidade de transformação social, no caso dos docentes universitários, é ainda mais preponderante visto que eles são responsáveis pela formação de profissionais de diferentes áreas do conhecimento (KOETZ, REMPEL, PÉRICO, 2013).

Percebe-se que o trabalho toma dimensão fundamental para professores. Por se tratar de profissão em que a cultura e reconhecimento social são preponderantes, ainda mais, em se tratando de docentes de Instituições de Ensino Superior (IES) (KOETZ; REMPEL; PÉRICO, 2013). Sabe-se, que o trabalho possui duplo papel, proporciona valorização e desenvolvimento intelectual, social e financeiro, bem como, aumenta a expectativa e qualidade de vida. De outro modo, pode gerar adoecimento, encurtando a vida e conduzindo a morte (SANCHES E SANTOS, 2013).

As responsabilidades de um professor de instituições de nível superior envolvem cobranças, como a necessidade de atualização constante, cumprimento de prazos, pressão para acompanhar o avanço do conhecimento, leituras, correção de trabalhos, publicações de pesquisa. Estas exigências causam danos à saúde decorrentes da má postura, uso inadequado da voz, má alimentação, estresse, dentre outros (SANCHES E SANTOS, 2013).

A exigência de maior produtividade, pressão do tempo e aumento da complexidade das tarefas, produz situações de repercussão negativa sobre a saúde e estão estatisticamente associada ao estresse, insatisfação no trabalho e síndrome de burnout (NODARI *et al*, 2015). Tais condições se situam na direção contrária dos valores e condutas esperadas para educação. Impedindo diversas vezes que sejam postas em prática habilidades necessárias ao docente como ser transformador, usar sua criatividade e ser capaz de propiciar desenvolvimento ao estudante em seu sentido mais amplo (GIANNINI; LATÓRIO, 2013).

No Brasil, a literatura acerca das condições de trabalho docente e saúde é escassa. Em especial, com relação aos docentes de Instituições de Ensino Superior (SOUZA, 2014). Identifica-se a necessidade de estudos que possam angariar informações acerca do perfil dos docentes e ocorrência dos agravos relacionados ao trabalho, subsidiando ações no campo da Saúde do Trabalhador direcionada a docentes e permitindo planejamento e organização de estratégias de prevenção a agravos e doenças.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

Tomando por base a classificação de Gil (1987), a presente pesquisa é de caráter descritivo, pois visa tornar o fenômeno mais explícito e analisar sua ocorrência, estabelecendo relações entre as principais variáveis do estudo (contexto de trabalho, custo humano e danos físicos e psicossociais), sem manipulá-las.

3.2 Amostra e local da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Universidade Estadual da Paraíba (Campus I), localizado na Rua Baraúnas, n. 351, Bairro Universitário, em Campina Grande-PB. Para o estudo foram sujeitos 82 docentes efetivos da Instituição mencionada. Durante a coleta de dados foram considerados os seguintes critérios de inclusão: ser docente efetivo, estar disponível para responder ao questionário e atuar por no mínimo um ano, no campus I da Universidade Estadual da Paraíba. Os critérios de exclusão foram docentes não efetivos, docentes afastados de suas funções e professores que não desempenham sua função no Campus I.

3.3 Instrumentos para coleta de dados

Foi utilizado questionário sócioeducacional na coleta informações relativas ao perfil biográfico e sócio ocupacional (idade, estado civil, nível de instrução escolar, tempo de serviço), a fim de caracterizar a amostra.

Na avaliação da saúde no contexto laboral foi utilizado o Inventário sobre Trabalho e Riscos de Adoecimento – ITRA. Esse instrumento foi construído e validado por Ferreira e

Mendes (2007) em pesquisa nacional com auditores fiscais da Previdência Social Brasileira, sendo posteriormente adaptado e validado com outras amostras ocupacionais. Os autores recomendam seu uso para fins de diagnóstico ocupacional e para pesquisas acadêmicas voltadas a melhoria da saúde e qualidade de vida do trabalhador.

O ITRA, em seu formato completo, é composto por quatro escalas que mensuram distintas e interdependentes modalidades de representações dos respondentes relativas ao mundo do trabalho, na presente pesquisa foram utilizadas duas escalas abaixo descritas.

A primeira, denominada de Escala de Avaliação do Contexto de Trabalho (EACT) reúne 31 itens que variam de 1 a 5 pontos, distribuídos em três fatores: F1) Organização do Trabalho, que diz respeito à divisão e conteúdo das tarefas, normas, controle e ritmos de trabalho; F2) Condições de Trabalho, referente à qualidade do ambiente físico, posto de trabalho, equipamentos e material disponibilizado para a execução da tarefa e F3) Relações Sócio profissionais, referente aos modos de gestão do trabalho, comunicação e interação profissional.

A segunda, denominada de Escala de Custo Humano do Trabalho (ECHT) é formada por 32 itens que variam de 1 a 5 pontos, distribuídos em três fatores: F1) Custo Físico, relativo ao dispêndio fisiológico imposto ao trabalhador pelas características do contexto produtivo; F2) Custo Cognitivo, que indica o dispêndio intelectual para aprendizagem, resolução de problemas e tomada de decisão no trabalho e; F3) Custo Afetivo, que aborda o dispêndio emocional sob a forma de reações afetivas, sentimentos e de estado de humor.

3.4 Procedimento para coleta de dados

A coleta foi iniciada após receber aprovação do Conselho de Ética da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Cada participante respondeu aos questionários no próprio local de trabalho. Antes de receber os protocolos, todos foram informados acerca dos objetivos e aspectos éticos da pesquisa. Os pesquisadores solicitaram o preenchimento do protocolo e permaneceram no local para esclarecer eventuais dúvidas. O tempo gasto para responder as questões foi de aproximadamente 15 minutos. Participaram da pesquisa docentes efetivos de ambos os sexos que estavam em pleno exercício da função e aceitaram participar refletindo

na assinatura do termo de concordância (TCLE) em duas vias, ficando uma em posse do participante, e a outra, do (a) pesquisador (a).

3.5 Análise dos Dados

As respostas contidas nos questionários foram digitadas em banco de dados do SPSS (Statistical Package for Social Science for Windows) e, em seguida, foram extraídas as estruturas fatoriais das escalas EACT e ECHT e examinado a consistência interna dos fatores. Por fim, foram efetuadas análises descritivas para delinear o perfil sócio ocupacional da amostra e observar indicadores da distribuição dos escores individuais obtidos em cada fator.

3.6 Considerações Éticas

Foram respeitados os aspectos éticos relativos a pesquisa com seres humanos, CAEE 366280014.1.0000.5187. Em observância ao preconizado na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde/MS, obedecendo aos princípios éticos da Declaração de Helsinque, onde os sujeitos serão informados dos procedimentos resultados e da liberdade de saírem da pesquisa sem ônus a qualquer momento.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Perfil Sócio Educacional

Integra este estudo uma amostra de 82 docentes de uma Instituição Pública de Ensino Superior. Em relação ao sexo, 37 pesquisados (45,1%) do sexo feminino e 45 (54,9%) do sexo masculino, em pesquisa realizada por Pinalli (2011) com docentes universitários a porcentagem de professores do sexo masculino também foi superior a professoras do sexo feminino.

Quando indagados acerca da idade (Tabela 1), a faixa etária mais representativa foi acima de 50 anos (39%) seguido de 46 a 50 com 25,6%. As faixas etárias entre 36 a 40 e 41 a 45 obtiveram o percentual de 13,4% e 18,3% respectivamente. Os menores índices ficaram com idades entre 25 e 30 (2,4%) e 31 e 35 (1,2%). Os resultados desta pesquisa diferem dos

apresentados por Vilela (2010) que em pesquisa semelhante realizada com docentes universitários indicou que a faixa etária de maior percentual foi entre 35 a 45 anos.

Quanto ao estado civil, 19,5% afirmaram estarem solteiros, 2,4% separados, 14,6% divorciados, 4,9% viúvos e 58,5% afirmou ser casada. Observa-se que entre os docentes pesquisados, houve prevalência daqueles que são casados, indicando que além do trabalho esses profissionais também possuem responsabilidades familiares (Tabela 1).

Tabela 1 - Distribuição dos participantes de acordo com características socioeducacionais e funcionais.

Variável	Categoria	Nº	%
Sexo	Masculino	45	54,9
	Feminino	37	45,1
Faixa Etária	25-30	2	2,4
	31-35	1	1,2
	36-40	11	13,4
	41-45	15	18,3
	46-50	21	25,6
	Acima de 50	32	39,0
Estado Civil	Casado	48	58,5
	Solteiro	16	19,5
	Separado	2	2,4
	Divorciado	12	14,6
	Viúvo	4	4,9
Grau de Qualificação	Especialização	4	4,9
	Mestrado Completo	27	32,9
	Mestrado Incompleto	-	-
	Doutorado Completo	43	52,4
	Doutorado Incompleto	8	9,8
Prática de Atividade Física	Pratica exercício	54	65,9
	Não pratica exercício	28	34,1

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Segundo o grau de qualificação, 4,9% dos pesquisados afirmaram ter especialização completa, 32,9% afirmaram ter mestrado completo, 52,4% afirmaram ter doutorado completo e 9,8% informaram ter doutorado incompleto e nenhum dos respondentes afirmou ter mestrado incompleto. Diferindo de pesquisas realizadas por Pinalli (2011) em que o maior percentual se referia ao item mestrado completo. E quando perguntados sobre a prática de esportes 65,9% afirmaram praticar, enquanto 34,1% responderam que não realizam atividade física (Tabela 1).

Tabela 2- Perfil da amostra segundo local de trabalho, turno e tempo na instituição.

Variável	Categoria	Nº	(%)
Local de trabalho	Apenas em instituição pública	70	85,4
	Em instituição pública e	12	14,6
Turno de trabalho	Apenas um turno	5	6,1
	Dois turnos	60	73,2
	Três turnos	17	20,7
Tempo de trabalho na instituição	1-5	8	9,8
	6-10	14	17,1
	11-15	22	26,8
	16-20	8	9,8
	Mais de 20 anos	30	36,6

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Em relação ao local de trabalho 86% afirmou que realiza suas atividades apenas em universidade pública enquanto 14% afirmaram trabalhar em universidade pública e privada, a dedicação exclusiva à instituição pública também obteve percentual, este dado corrobora com estudo feito por Vilela (2010) com professores de uma universidade pública.

Em se tratando do turno de trabalho 73,7% afirmaram trabalhar dois turnos (Tabela 2). Quando indagados sobre o turno de trabalho, 73,2% exercem suas funções nos dois turnos, 20,7% nos três turnos e 6,1% em apenas um turno. Quanto ao tempo de trabalho, 35,1 estão trabalhando há mais de 20 anos, o resultado difere de estudo realizado por Tavares (2015), na qual o vínculo dos professores com a instituição em 50% dos casos não ultrapassou os 10 anos.

4.2 Inventário de Trabalho e Risco de Adoecimento

A seguir, são apresentados os dados que caracterizam o Inventário de Trabalho e Risco de adoecimento (ITRA) de docentes que atuam na Instituição de Ensino superior analisadas: Escala de Avaliação do Contexto do Trabalho (EACT) e Escala de Custo Humano do Trabalho (ECHT).

4.2.1 Escala de Avaliação do Contexto de Trabalho (EACT)

A primeira escala do ITRA, a EACT, é composta por três fatores: organização do trabalho (itens 1 a 11), relações socioprofissionais (itens 12 a 21) e condições de trabalho (itens 22 a 31). Essa escala é de cinco pontos, em que 1= Nunca, 2= Raramente, 3= Às vezes,

4= Frequentemente, 5=Sempre. Segundo Mendes (2007), a análise dos escores médios deve ser feita considerando o seguinte parâmetro: avaliação grave para médias acima de 3,70; avaliação crítica para médias entre 2,30 e 3,69; e avaliação satisfatória para médias abaixo de 2,29.

A tabela 3 demonstra que os fatores de contexto do trabalho apontam uma situação crítica, uma vez que os escores médios ficaram entre 2,30 e 3,69, com destaque para o fator organização do trabalho (3,13) como item mais crítico. Pesquisa semelhante realizada por Pinalli (2011), realizada com docentes, corrobora com o resultado e demonstra que este fator se destaca entre os demais.

Tabela 3 – Caracterização da amostra total segundo o fator contexto de trabalho

Fatores	Média Geral
Organização do Trabalho	3,13
Relações Socioprofissionais	2,40
Condições de Trabalho	3,03

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No que diz respeito aos indicadores do fator Organização do Trabalho, constatou-se uma situação de crítica à grave dos informantes, uma vez que todos os indicadores superaram o valor médio de 2,30. Os resultados mostrados na Tabela 4 evidenciam o indicador de maior média associado à Organização de trabalho, relacionando-se ao ritmo de trabalho demonstrado ser excessivo (3,70). Os mais críticos estão relacionados aos itens pressão de prazos (3,57) e forte cobrança por resultados (3,56).

Tabela 4 – Distribuição dos indicadores referentes à Organização do Trabalho

Nº	Indicadores do fator	Média	Classificação
12	As tarefas não são claramente	2,29	Satisfatória
13	A autonomia é inexistente	2,22	Satisfatória
14	A distribuição de tarefas é injusta	2,60	Crítica
15	Os funcionários são excluídos das	2,63	Crítica
16	Existe dificuldade de	2,17	Satisfatória
17	Existem disputas profissionais no	2,18	Satisfatória
18	Falta integração no local de	2,77	Crítica
19	A comunicação entre funcionários	2,35	Crítica
20	Falta apoio das chefias para o meu	2,32	Crítica
21	As informações de que preciso	2,49	Crítica

Fonte: Dados da pesquisa, 2016

Os itens Forte Cobrança por Resultados, Tarefas Cumpridas com pressão de Prazos e Ritmo de Trabalho Excessivo também foram destacados como mais graves e/ou críticos em pesquisa com docentes universitários (MARTINS, 2009). Os resultados apresentados na Tabela 5 constataam os dizeres de Arbex *et al*, (2013), professores devem submeter-se às exigências da produção acadêmica, em condições de igualdade com os demais docentes. Além disso, verifica-se no cotidiano universitário a instalação de horários atípicos e a aceleração no desempenho das atividades.

No tocante aos indicadores socioprofissionais, constatou-se situação satisfatória à crítica dos informantes, uma vez que todos os escores obtidos não exibiram valores médios acima de 3, 69 (Tabela 5).

Tabela 5 – Distribuição dos indicadores referentes a Relações Socioprofissionais

Nº	Indicadores do fator	Média	Classificação
12	As tarefas não são claramente definidas	2,29	Satisfatória
13	A autonomia é inexistente	2,22	Satisfatória
14	A distribuição de tarefas é injusta	2,60	Crítica
15	Os funcionários são excluídos das decisões	2,63	Crítica
16	Existe dificuldade de comunicação entre	2,17	Satisfatória
17	Existem disputas profissionais no local de	2,18	Satisfatória
18	Falta integração no local de trabalho	2,77	Crítica
19	A comunicação entre funcionários é	2,35	Crítica
20	Falta apoio das chefias para o meu	2,32	Crítica
21	As informações de que preciso para executar	2,49	Crítica

Fonte: Dados da pesquisa, 2016

Os resultados da Tabela 5 evidenciam que os indicadores mais críticos associados às relações socioprofissionais, são a falta de integração no ambiente de trabalho (2,77), seguido

pela exclusão das decisões (2,63) e distribuição injusta das tarefas (2,60). Pesquisas constataram que no ambiente de trabalho dos docentes há disputas profissionais (MARTINS, 2009; PINALLI, 2011).

Conforme Djours (2000), nas “relações do trabalho” a interação entre os envolvidos é baseada em relações de hierarquia, chefias, supervisão com outros trabalhadores causando, às vezes, situações desagradáveis e até mesmo insuportáveis. Nas relações laborais em que impera a desigualdade na divisão do trabalho, Dejours correlaciona com questões de política e poder que podem precipitar suspeitas, rivalidades e perversidade de uns para com os outros.

Quanto aos indicadores relativos às Condições de Trabalho, constatou-se situação crítica, todos os fatores expressaram valores médios entre 2,30 e 3,69. Conforme mostra a Tabela 6.

Tabela 6 – Distribuição dos indicadores referentes a condições de trabalho

Nº	Indicador do Fator	Média	Classificação
22	As condições de trabalho são precárias	3,15	Crítica
23	O ambiente é desconfortável	3,04	Crítica
24	Existe muito barulho no ambiente em que	3,07	Crítica
25	O mobiliário existente no local de	3,28	Crítica
26	Os instrumentos de trabalho são	3,20	Crítica
27	O posto/estação de trabalho é inadequado	2,96	Crítica
28	Os equipamentos necessários para	3,23	Crítica
29	O espaço físico para realizar o trabalho é	2,80	Crítica
30	As condições de trabalho oferecem riscos	2,34	Crítica
31	O material de consumo é insuficiente	3,24	Crítica

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Os itens Mobiliário inadequado (3,28), Material de Consumo Insuficiente (3,24) e Equipamento Inadequado (3,23) se destacaram como os mais críticos. Itens 30 e 31 da Tabela 6 destoam dos encontrados por Pinalli (2011), em sua pesquisa, os mesmos itens foram avaliados como satisfatórios e um dos entrevistados afirmou estar “em um local que permite trabalhar de uma forma tranquila”. Deve-se compreender que cada universidade é uma realidade, um mundo à parte, um campo acadêmico que gera suas próprias forças. Portanto, cada universidade deve promover as mudanças necessárias e, melhor se adequar a sua realidade (ARBEX *et. al*, 2013).

4.2.2 Escala de custo humano do trabalho (ECHT)

A segunda escala do ITRA, a ECHT, é composta por três fatores: custo afetivo (itens 1 a 12), custo cognitivo (13 a 22) e custo físico (itens 23 a 32). Essa escala é de cinco pontos, em que 1 = Nunca, 2 = Pouco exigido, 3 = Mais ou menos exigido, 4 = Bastante exigido e 5 = Totalmente exigido. Segundo Mendes (2007), a análise dos escores médios deve ser feita considerando o seguinte parâmetro: avaliação grave para médias acima de 3,70; avaliação crítica para médias entre 2,30 e 3,69; e avaliação satisfatória para médias abaixo de 2,29.

No que diz respeito aos custos do trabalho, constatou-se situação crítica a grave, os escores obtidos apresentaram médias entre 2,30 e 3,69, com exceção do custo cognitivo que constatou uma situação grave (3,84), conforme mostra a Tabela 7.

Tabela 7 - Caracterização da amostra total, segundo fator Custo Humano do Trabalho

Fatores	Média Geral
Custo Afetivo	2,45
Custo Físico	2,70
Custo Cognitivo	3,84

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Pesquisas indicam que docentes estão submetidos a constante sobreposição de tarefas que se revertem em cansaço físico, emocional e psicológico. Um agravante da situação dos professores é simultaneidade das atividades. Estas são múltiplas e complexas dentro da sala de aula. Concomitante a isso, existem eventos, atividades extracurriculares, imprevisibilidade e o imediatismo. Também é comum ao professor, enquanto leciona efetuar outras atividades como atender ao estudante individualmente, controlar a turma, preencher instrumentos e formulários de controle (GIANNINI, 2013).

Em uma avaliação global, conforme indicadores relativos ao custo cognitivo dos professores mostrados na Tabela 8, verificou-se que todas as questões relacionadas ao custo cognitivo dos docentes pesquisados apresentam resultados satisfatórios, graves e críticos.

Tabela 8 – Distribuição dos indicadores referentes ao custo cognitivo

Nº	Indicadores do fator	Média	Classificação
13	Desenvolver macetes	2,21	Satisfatório
14	Ter que resolver problemas	3,71	Grave
15	Ser obrigado a lidar com imprevistos	3,73	Grave
16	Fazer previsão de acontecimentos	3,29	Crítico
17	Usar a visão de forma contínua	4,04	Grave
18	Usar a memória	4,26	Grave
19	Ter desafios intelectuais	4,35	Grave
20	Fazer esforço mental	4,28	Grave
21	Ter concentração mental	4,37	Grave
22	Usar a criatividade	4,18	Grave

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

O indicador desenvolver macetes (2,21) foi o único a obter média satisfatória, o item fazer previsão de acontecimentos (3,29) foi o único avaliado como crítica e quesito ter concentração mental (4,37) obteve média mais grave. Os resultados corroboram com pesquisa realizada por Martins (2009) em que ter desafios intelectuais também obteve a média mais alta. Na mesma pesquisa, um dos entrevistados citou a necessidade de “se virar para cumprir expectativas” evidenciando a necessidade de atender às exigências do trabalho (MARTINS, 2009).

A cobrança por maior produtividade, redução do contingente de trabalhadores, pressão do tempo, aumento da complexidade das tarefas, além de expectativas irrealizáveis causam repercussões negativas sobre a saúde psíquica e estão estatisticamente associadas ao estresse, insatisfação no trabalho e síndrome de burnout. Condições que se situam na direção contrária dos valores e condutas esperados para educação. Impedindo diversas vezes que sejam postas em prática as habilidades necessárias ao docente como ser transformador e capaz de propiciar desenvolvimento do estudante em seu sentido mais amplo (GIANNINI, 2013).

Nas Tabelas 9 e 10, encontram-se resultados do Custo Humano do Trabalho dos professores em relação ao custo afetivo e físico, respectivamente. As avaliações de custo afetivo e físico obtiveram avaliações satisfatórias e críticas, uma vez que nenhum dos itens ultrapassou a média de 3,69.

Tabela 9 – Distribuição dos indicadores referentes ao Custo Afetivo

Nº	Indicadores do fator	Média	Classificação
1	Ter controle das emoções	3,52	Crítica
2	Ter que lidar com ordens	2,82	Crítica
3	Ter custo emocional	3,45	Crítica
4	Ser obrigado a lidar com a	3,09	Crítica
5	Disfarçar sentimentos	2,89	Crítica
6	Ser obrigado a elogiar pessoas	1,80	Satisfatório
6	Ser obrigado a ter bom humor	2,40	Crítico
8	Ser obrigado a cuidar da aparência	2,62	Crítico
9	Ser bonzinho com os outros	1,94	Satisfatório
10	Transgredir valores éticos	1,68	Satisfatório
11	Ser submetido a constrangimentos	1,59	Satisfatório
12	Ser obrigado a sorrir	1,68	Satisfatório

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Os resultados da Tabela 8 evidenciam indicadores mais críticos como ter controle emocional (3, 52) e ter custo emocional (3,45). Pesquisas realizadas por Martins (2009) e Pinalli (2011) que também foram realizadas com docentes universitários, estão em conformidade com os resultados supracitados. Quanto à Tabela 10 referente ao custo físico, os índices mais críticos são subir e descer escadas (3,34). Neste último fator, os resultados diferem de pesquisas similares em que as médias mais elevadas estão relacionadas a usar as pernas de forma contínua (MARTINS, 2009; PINALLI, 2011). Provavelmente, o resultado do fator custo físico se deve ao fato de que os acessos aos centros, biblioteca e outras unidades da universidade, onde foi realizada a presente pesquisa, ocorrem principalmente por meio de escadas.

Tabela 10 – Distribuição dos indicadores referentes ao Custo Físico

Nº	Item do fator	Média	Classificação
23	Usar a força física	1,96	Satisfatório
24	Usar os braços de forma contínua	2,76	Crítico
25	Ficar em posição encurvada	2,38	Crítico
26	Caminhar	2,82	Crítico
27	Ser obrigado a ficar em pé	3,07	Crítico
28	Ter que manusear objetos pesados	1,84	Satisfatório
29	Fazer esforço físico	2,52	Crítico
30	Usar as pernas de forma contínua	3,05	Crítico
31	Usar as mãos de forma repetida	3,32	Crítico
32	Subir e descer escadas	3,34	Crítico

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

As exigências físicas do trabalho dos docentes prejudiquem sua saúde. Pesquisa realizada por Oliveira et al., (2013) com docentes universitários do curso de enfermagem, revelou que doenças musculoesqueléticas são queixas que mais resultam em afastamentos. Segundo o autor, isso pode estar relacionado ao processo de trabalho desgastante, como por exemplo, extensa jornada de trabalho e à falta de exigência pessoal dos próprios profissionais. Sanchez *et al*, (2013) em pesquisa semelhante, relata que a dor musculoesquelética está sempre presente nos docentes universitários. A incidência de dores musculoesqueléticas nos docentes é alta e se mostra independente de idade, altura, tempo e jornada de trabalho.

5 CONCLUSÃO

Os resultados indicaram que quanto ao perfil dos pesquisados 54,9% são do sexo masculino; 39% possuem idade entre 46 e 50 anos; 52,4% afirmam ter doutorado completo; 85,4% são exclusivos da instituição; 73,2% trabalham em dois turnos; 36,6% trabalham há mais de 20 anos na instituição; 58,5% afirmaram estarem casados e 65,9% afirmaram praticar atividade física.

Em relação a escala de avaliação do contexto de trabalho (EACT), os docentes se encontram em um estado crítico, ou seja, submetidos a uma “situação-limite”, com produção de risco de adoecimento. A escala de custo humano do trabalho (ECHT) também indicou uma situação crítica quanto à produção de risco de adoecimento. Com exceção do custo cognitivo que constatou uma situação grave quanto ao risco destes docentes adoecerem.

Foi constatada a necessidade de maiores discussões sobre o tema e a implementação de políticas institucionais específicas que assistam a população estudada e evitem maiores agravos à saúde. Sugere-se a continuidade do estudo vislumbrando obtenção de mais informações acerca do perfil e ocorrência dos agravos relacionados ao trabalho, resultando em subsídios para ações direcionadas a população estudada, permitindo o planejamento e, organização de estratégias de educação e prevenção.

ABSTRACT

The Office has a dual sides, on the one side provides the enhancement and development of people, on the other side can cause illness, shorten life and cause death. Among the teachers, the health problems are in the opposite direction of the values and behaviors expected for education. Because of the worse side, Teachers can't do what is necessary for the development of students in the best way. The study was conducted to evaluate the health of these professionals based on the relationship between the working environment and the health risks. Two questionnaires were used: a Socioeducational, and the Inventory of Work and Illness Risk - IWIR. The research was developed with tenured professors of a public university located in the city of Campina Grande, PB. It was observed that 54.9% male, 39% aged 46-50 years old, 52.4% completed doctorate, 58.5% reported being married and 65.9% reported physical activity. The results indicated that as the work context, teachers are in a state critical to present scores between 2.30 and 2.69. The human cost of working range also indicated a critical situation, since the majority of scores averaged between 2.30 and 3.69, with the exception of cognitive cost at which it was found a serious situation (3.84) . This study shows that is necessary further discussions on the issue and the implementation of specific institutional policies to assist the studied population and avoid major health problems was found.

Keywords: Teachers; Worker's health; illness risk; Work environment.

* Student nursing from the State University of Paraiba.

Email: Viana.jessika@outlook.com

REFERÊNCIAS

ACQUES, Camila Corrêa, MILANEZ, Bruno Mattos, OLIVEIRA Rita de Cássia da Costa. Indicadores para Centros de Referência em Saúde do Trabalhador: proposição de um sistema de acompanhamento de serviços de saúde. *Ciênc. saúde coletiva*. v.17, n.2, p.369-378, Rio de Janeiro 2012.

ARAÚJO, R. R.;SACHUK, M. I. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 14 n.1, p. 53-66, mar. 2007.

ARBEX, Ana Paula Santos; SOUZA Katia Reis; MENDONÇA André Luis Oliveira. Teaching, readjustment and health: the experience of teachers at a public university in Brazil. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 23, n.1, 2013.

BALASSIANO, Moises; TAVARES, Elaine; PIMENTA, Roberto da Costa. Estresse ocupacional na administração pública Brasileira: quais os fatores impactantes?. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 3, p. 751-774, Jun. 2011.

BARBOSA, Paulo Henrique; CARNEIRO, Flavia Lucas; DELBIM, Riseti; HUNGER Marcelo Studar; MARTELLI Anderson. Doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho e à ginástica laboral como estratégia de enfrentamento. **Arch Health Invest** v.3, n. 5. p. 57-65, 2014..

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

CAVALCANTE, Cleonice Andréa Alves; SANTOS, Renata Silva; CAVALCANTE, Elisângela Franco de Oliveira ; MARTINS Rogéria Lima; SILVEIRA, Erika Aparecida da; SILVA, Erica Tatiane da. Perfil dos agravos relacionados ao trabalho notificados no Rio Grande do Norte, 2007 a 2009. **Epidemiol. Serv. Saúde**. v.23 n.4. Brasília, 2014

DEJOURS, Christopher. **A banalização da Injustiça Social**. 4ªed. - Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, p.127-145, 2000.

FERNANDES, Marina Martins. Da Escravidão ao Direito. **Revista Eletrônica da Toledo Presidente Prudente**. V. 11, n. 11. São Paulo, 2015.

FREIRE, Lorena de Sales Mercucci. **As vivências de sofrimento de docentes do Tocantins: pistas para ações de vigilância em saúde do trabalhador**. Fio Cruz. Rio de Janeiro, 2014.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GIANNINI, Susana Pimentel Pinto; LATORRE, Maria do Rosário Dias de Oliveira, FERREIRA, Léslie Piccolotto. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n.11, p.2115-2124, nov, 2012.

GRINT, Keith. Sociologia do Trabalho, v. único, Porto Alegre- RS, Instituto Piaget, 1998.

KARINO, Marcia Eiko; MARTINS ,Júlia Trevisan; BOBROFF, Maria Cristina Cescatto. Reflexão sobre as políticas de saúde do trabalhador no Brasil: avanços e desafios. **Cienc Cuid Saúde**. v. 10. n. 2. p.395-400 .Paraná, 2011.

KOETZ, Lydia; REMPEL, Claudete; PÉRICO, Eduardo. Qualidade De Vida De Professores De Instituições De Ensino Superior Comunitárias Do Rio Grande Do Sul. **Ciênc. saúde coletiva**. v.18 n.4. Rio de Janeiro, 2013.

LEÃO, Luís Henrique da Costa; CASTRO, Alexandre de Carvalho. Políticas públicas de saúde do trabalhador: análise da implantação de dispositivos de institucionalização em uma cidade brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18 n.3. p.769-778. Rio de Janeiro, 2013.

MARTINS, Arnaut Vieira. **VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DOCENTE:um estudo em uma instituição de ensino superior de Belo Horizonte**. Unihorizontes, Belo Horizonte. 2009.

MENDES, Ana Magnolia. **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método, pesquisas**. Casa do Psicólogo, São Paulo. 2007.

NODARI, Natália Lenzi; FLOR, Sthefany Ramayane de Araújo; RIBEIRO, Alessandro Sampaio; CARVALHO, Gutemberg Jailson de. Estresse, conceitos, manifestações e avaliação em saúde: revisão de literatura. **Revista Saúde e Desenvolvimento Humano**. V. 2, n. 1, p.61-74. Maio, 2014.

OIT. Organização Internacional do trabalho. **A prevenção das doenças ocupacionais**. Relatório. Bureau International do Trabalho; Genebra: OIT, 2013.

OLIVEIRA, Jefferson Moraes de; SANTOS Priscilla Furtado; FELICIANO, Rafaela de Godoy; ASSIS, Máira Muniz; CORTEZ, Elaine Antunes; VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti. Riscos E Doenças Ocupacionais Do Docente Universitário De Enfermagem: Implicações Na Saúde Do Trabalhador. **Revista pesquisa: cuidado é fundamental online** v.5, n.1, p.3267-75, jan. 2013.

PINALLI, Wander Luiz. **PRAZER E SOFRIMENTO**: Estudo de caso com docentes de uma Instituição Federal de Ensino de Minas Gerais. Faculdade Novos Horizontes, Minas Gerais. 2011.

SANCHES, Elizabeth Navas; SANTOS, Julius Diego de France. Estresse em docentes universitários da saúde: situações geradoras, sintomas e estratégias de enfrentamento. **Psicol. Argum.**, Psicologia Argumento, v.31, n.75, Curitiba, 2013.

SANCHEZ, H M; GUSATTI N; SANCHEZ E G M; BARBOSA M A. Incidência de dor musculoesquelética em docentes do ensino superior. **Revista Bras. Med. Trab**. V. 11 n.2, p.66-75, 2013.

SANTOS JUNIOR, Aires Garcia dos, SANTOS, Fernando Ribeiro dos, FURLAN , Mara Cristina Ribeiro, ARAÚJO, Jéssica Corrêa de, ARANTES, Mayla Bernardes BARBOSA, Tainã da Silva. Norma Regulamentadora 32 No Brasil: Revisão Integrativa De Literatura. R. Enferm. **Cent. O. Min.** v.5, n 1.2015.

SANTOS, Ana Paula Lopes dos; LACAZ, Francisco Antonio de Castro. Ações de vigilância em saúde do trabalhador e ambiente: análise da atuação do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador de Campinas em postos de combustível. **Rev. bras. saúde ocup.** v. 38, n. 128, p. 230-242. São Paulo 2013 .

SILVA, Jorge Luiz Lima da; ANDRADE, Leila Abade de Faria; PEREIRA Leticia Cardoso de Lacerda; SILVA, Paulo Ricardo Bernardino da. Estresse e fatores de risco para a hipertensão arterial entre docentes de uma escola estadual de Niterói. Rj. **Rev enferm UFPE on line.** V.4, n. 3, p.1347-356, Recife, 2010.

SOUZA, Marilei de Melo Tavares, RODRIGUES Lilia Marques Simões, PAULA Rogéria Costa de, CATELLI, Marcelo Flores, TEIXEIRA Rodrigo da Silva. Reflexões sobre saúde do trabalhador instituição de ensino superior. **Journal fundamental care.** V.6, n. 2, p. 805-811, Rio de Janeiro, 2014.

VILELA, Elena Fátima. **VIVÊNCIAS DE PRAZER-SOFRIMENTO NO TRABALHO DOCENTE: um estudo em uma IES pública de Belo Horizonte – Minas Gerais.** Unihorizontes. Minas Gerais, 2010.

VITTA, Alberto De et al. Nível de capacidade para o trabalho e fatores associados em profissionais de atividades sedentárias. **SALUSVITA,** Bauru, v. 31, n. 3, p. 259-271, 2012.

TAVARES, Victor Augusto Cinquini;, RHODEN Juliana Lima M; RHODEN Valmor. Docência Superior: Uma Análise Sobre o Perfil Dosprofessores de Relações Públicas da Unipampa. **Salão de Pesquisa,** Rio Grande do Sul, v. 7, n. 2, 2015.